AFRICANIDADE: A ÁFRICA ESTÁ ENTRE NÓS – VIAGEM DE ESTUDOS "LINHA PRETA" EM CURITIBA/PR

Dalva Rosana Dalsegio Gianesini[1]

RESUMO: O presente artigo analisou a implementação de uma prática pedagógica focada na Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) por meio da viagem de estudos "Africanidade: A África está entre nós". O objetivo principal foi analisar como uma aula prática de campo, realizada no roteiro urbano "Linha Preta", em Curitiba/PR, e em espaços de matriz africana, contribui para o letramento racial e para o combate aos discursos de ódio entre estudantes do Ensino Fundamental. A metodologia caracterizou-se como uma pesquisa-ação de abordagem qualitativa e envolveu 35 estudantes do 8.º ano da Escola de Educação Básica Padre João Stolte, localizada no município de Botuverá (SC). Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram a observação participante, registros fotográficos e a análise dos diários de campo produzidos pelos alunos. Os resultados revelam que a imersão empírica promoveu o desenvolvimento da alteridade, a desconstrução de estereótipos eurocêntricos e religiosos, bem como a compreensão do racismo como um fenômeno estrutural. Conclui-se, portanto, que a atividade cumpre rigorosamente as diretrizes da Lei n.º 11.645/08, consolidando a escola como um espaço de promoção da cidadania plena e de enfrentamento às discriminações.

Palavras-chave: africanidade; educação antirracista; linha preta; prática pedagógica; diversidade.

ABSTRACT: *This article analyzes the implementation of a pedagogical practice focused on Education for Ethnic-Racial Relations (ERER) through the study tour, "Africanity: Africa is Among Us". It aimed to analyze how this practical field class, conducted along the "Linha Preta" urban route in Curitiba, Paraná, and in African-based cultural spaces, contributes to racial literacy and combats hate speech among elementary school students. The qualitative research-action methodology involved 25 eighth-grade students from Escola de Educação Básica Padre João Stolte in Botuverá, Santa Catarina. Data collection instruments included participant observation, photographic records, and the analysis of the students' field diaries. The results reveal that empirical immersion promoted the development of alterity, the deconstruction of Eurocentric and religious stereotypes, and an understanding of racism as a structural phenomenon. The activity strictly complies with the guidelines of Law No. 11,645/08, thus consolidating the school as a space that promotes full citizenship and confronts discrimination.*

Keywords: *africanity; anti-racist education; black line; pedagogical practice; diversity.*

[1] Mestra em Educação pela Universidad Europea del Atlántico / FUNIBER - Espanha. Pós-Graduada em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental pela Faculdade Integrada FacVest - Lages/SC. Graduada em Sociologia pelo Centro Universitário FAVENI - Paraná. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Graduada em Ciências da Religião pela Fundação Regional de Blumenau – FURB.

1 INTRODUÇÃO

A necessidade de reestruturação dos currículos escolares com base em uma perspectiva descolonizadora é um dos maiores desafios da educação contemporânea brasileira. Historicamente, o sistema de ensino brasileiro privilegiou narrativas eurocêntricas que invisibilizaram as contribuições das populações negras e indígenas na construção do tecido social nacional. Diante desse cenário discriminatório estrutural, este trabalho aborda a implementação prática da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) por meio de uma atividade de campo intitulada "Africanidade: A África está entre nós", desenvolvida como estratégia pedagógica ativa de superação do racismo epistêmico no ambiente escolar.

Para contextualizar adequadamente o cenário da intervenção, foi escolhida a Escola de Educação Básica Padre João Stolte, situada no município de Botuverá, em Santa Catarina. É uma região fortemente marcada culturalmente pela colonização europeia, bem como o debate sobre as matrizes africanas e a diversidade étnico-racial enfrenta lá resistências culturais profundas e barreiras conectadas ao desconhecimento geográfico. Desse modo, o deslocamento dos estudantes para outra unidade federativa se justificou pela busca de um cenário histórico-cultural denso e palpável, capaz de provocar rupturas pedagógicas com a visão homogeneizante da comunidade local.

O objetivo principal deste artigo foi analisar como uma aula prática de campo, realizada no roteiro urbano "Linha Preta"**,** em Curitiba/PR**,** e em espaços de matriz africana, contribui para o letramento racial e para o combate aos discursos de ódio entre estudantes do Ensino Fundamental. Como desdobramentos diretos deste propósito, busca-se identificar as consequências históricas e geográficas da escravidão no Sul do país, reconhecer a participação ativa da população negra na urbanização e cultura local, e fomentar o respeito à diversidade religiosa por meio do contato direto com a alteridade.

A justificativa dessa investigação está na obrigatoriedade legal estabelecida pela Lei n.º 11.645/08, que exige o ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena em todas as etapas da Educação Básica. Mais do que o mero cumprimento de uma exigência burocrática, a relevância da pesquisa está em sua capacidade de transformar conceitos teóricos abstratos de Direitos Humanos, ética e sociologia em experiências empíricas e transformadoras. Assim sendo, o roteiro "Linha Preta" atua, assim, como um laboratório social e um museu a céu aberto, estimulando a reflexão crítica e elevando a autoestima e o reconhecimento identitário de todos os estudantes envolvidos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A LEI N.º 11.645/08 E O DESAFIO DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

A promulgação da Lei n.º 10.639/03 e sua posterior alteração pela Lei nº 11.645/08 constituem marcos regulatórios fundamentais para as lutas do movimento negro brasileiro em prol de uma educação democrática. Conforme aponta Silva (2007), a inclusão obrigatória da história e da cultura afro-brasileira e

indígena nos currículos não se resume à adição de conteúdos isolados ou à realização de celebrações folclóricas em datas específicas. É necessária uma mudança pedagógica profunda que conteste a hegemonia eurocêntrica e promova uma educação verdadeiramente pluricultural, pautada na equidade e no respeito mútuo em sala de aula.

2.2 LETRAMENTO RACIAL E ESPAÇO URBANO COMO CURRÍCULO

O conceito de letramento racial, conforme discutido por Twine (2004), refere-se a um conjunto de práticas e habilidades conceituais que capacitam o indivíduo a decodificar as estruturas raciais e os privilégios sistêmicos cotidianos. Quando esse conceito é transposto para o espaço urbano, a cidade passa a ser lida como um texto ou um currículo vivo. Gomes (2017) ressalta que o corpo e a memória negra foram sistematicamente apagados das paisagens urbanas oficiais brasileiras. Portanto, caminhar por roteiros de resistência significa desvelar as contradições do espaço e reescrever a presença negra na história geográfica e cultural do país.

2.3 INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E O COMBATE AO RACISMO ESTRUTURAL

O racismo estrutural, amplamente teorizado por Almeida (2019), manifesta-se de forma violenta na demonização e na perseguição histórica às religiões de matriz africana. No ambiente escolar, a falta de conhecimento crítico e a reprodução de preconceitos históricos geram ambientes hostis e discursos de ódio voltados a estudantes que professam ou simpatizam com tais fés.

O diálogo inter-religioso e a visita pedagógica a espaços sagrados africanos, fundamentados na laicidade do Estado e nos Direitos Humanos, configuram-se como estratégias pedagógicas indispensáveis para humanizar o outro, desmistificar estereótipos coloniais e exercitar a empatia.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 TIPO DE PESQUISA E ABORDAGEM

Esta investigação foi definida como uma pesquisa-ação com abordagem qualitativa. Segundo os pressupostos teóricos de Thiollent (2011), a pesquisa-ação pressupõe uma estreita associação com uma ação social prática ou com a resolução de um problema coletivo concreto, envolvendo pesquisadores e os participantes da comunidade de modo cooperativo.

No campo educacional, essa metodologia permite diagnosticar demandas imediatas de letramento racial e intervir diretamente na realidade escolar, promovendo reflexões críticas imediatas e gerando transformações profundas na práxis pedagógica dos envolvidos.

3.2 PARTICIPANTES E CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO

Os sujeitos centrais da pesquisa foram 25 estudantes devidamente matriculados no 8.º ano do Ensino Fundamental da Escola de Educação Básica Padre João Stolte (Botuverá/SC), acompanhados pela professora pesquisadora e

pela equipe pedagógica institucional. A escolha por essa turma se justificou pelo momento curricular adequado ao desenvolvimento de conceitos complexos de cidadania, ética e formação socioeconômica do Brasil. O contexto social dos alunos é majoritariamente homogêneo do ponto de vista étnico-cultural, decorrente da forte influência da imigração europeia na região do Vale Catarinense, o que reforçou a necessidade pedagógica da imersão em Curitiba/PR.

3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS E AÇÕES DESENVOLVIDAS

Para a realização da coleta e a necessária triangulação de dados científicos, foram mobilizados múltiplos instrumentos metodológicos ao longo de três etapas complementares:

Observação Participante: Conduzida de forma direta, sistemática e anotada pela pesquisadora durante todo o trajeto físico da viagem de estudos.

Registros Fotográficos: Imagens capturadas empiricamente pelos próprios alunos e pela coordenação para documentar o engajamento visual com os marcos urbanos visitados.

Diários de Campo dos Estudantes: Cadernos de anotações entregues previamente aos alunos para o registro livre de suas impressões textuais, sentimentos, reflexões teóricas e conexões estabelecidas durante as visitas ao longo do roteiro "Linha Preta" e ao Terreiro Pai Maneco.

3.4 PROCESSO DE ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados por meio das transcrições parciais dos diários de campo e dos registros fotográficos foram submetidos à Análise de Conteúdo Temática, inspirada nas formulações clássicas de Bardin (2011). O processo estruturou-se em três fases analíticas distintas: a pré-análise (leitura flutuante dos diários e seleção das fotos mais representativas do acervo), a exploração exaustiva do material (codificação das unidades de registro textual) e o tratamento dos resultados (categorização analítica). As categorias emergentes foram interpretadas de forma interdisciplinar à luz do referencial teórico adotado sobre racismo estrutural, letramento racial e educação antirracista.

4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

Os dados empíricos obtidos mostram que a viagem de estudos funcionou como um potente catalisador de conscientização política e histórica entre os estudantes. Ao romperem temporariamente o isolamento geográfico de sua comunidade de origem, em Santa Catarina, os estudantes confrontaram as heranças do passado colonial em diálogo com o espaço urbano de Curitiba. A análise dos registros textuais nos diários evidenciou três eixos centrais de reflexão crítica: o protagonismo negro na infraestrutura urbana, a relação entre o passado escravocrata e as desigualdades socioespaciais atuais, e a desconstrução de preconceitos religiosos arraigados.

Para ilustrar o primeiro eixo, a análise das fotografias tiradas pelos estudantes em frente à estátua de Enedina Alves Marques, a primeira engenheira negra do Brasil, formada pela Universidade Federal do Paraná em 1945, gerou debates intensos e registros profundos nos diários.



A relevância pedagógica dessa imagem está no choque cognitivo que ela gera. Um dos alunos registrou: *"Eu não fazia ideia de que* uma *mulher negra havia sido* engenheira naquela época e construído coisas tão importantes aqui. A escola nunca havia me falado dela" (Diário do Aluno A, 2026). Essa reação corrobora perfeitamente as reflexões de Gomes (2017) sobre a necessidade urgente de expor os alunos a referenciais afirmativos de intelectualidade e sucesso da população negra, subvertendo a associação histórica e racista de que os negros são apenas associados à condição de subalternidade física.

A visita à Igreja do Rosário dos Pretos e aos marcos arquitetônicos da "Linha Preta" também provocou reflexões profundas de ordem socioeconômica e espacial. Ao cruzarem os dados visuais coletados em campo com os conceitos de segregação e higienização urbana estudados em sala de aula, os discentes identificaram a eliminação proposital da memória afro-curitibana nas áreas centrais valorizadas.

Figura 5 – Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de São Benedito



Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de São Benedito, marco central da **Linha Preta** no Largo da Ordem, foi originalmente construída por escravizados em 1737 como o único espaço onde podiam exercer sua fé. O templo atual, inaugurado em 1946, em estilo barroco tardio, preserva azulejos portugueses e a fachada da construção original, servindo como um poderoso símbolo de resistência e de memória da população negra em Curitiba. Hoje, o local é palco de importantes manifestações culturais, como a tradicional **Lavação das Escadarias** em homenagem ao Dia da Consciência Negra.

Na imagem acima, registrada no acervo, observa-se que a imponência da construção contrasta com a ausência de monumentos tradicionais celebrados pela historiografia oficial europeia. Essa transposição cognitiva é evidenciada no registro do Aluno B: *"Olhando as fotos que tiramos da igreja e comparando com o centro chique de hoje, dá para ver que os negros construíram tudo, mas foram expulsos para as beiradas da cidade. O racismo de antes ainda organiza as cidades hoje*" (Diário do Aluno B, 2026). Esse depoimento demonstra a materialização do conceito de racismo estrutural proposto por Almeida (2019), comprovando que o letramento racial foi plenamente alcançado, pois os estudantes aprenderam a identificar as injustiças sociais contemporâneas por meio das marcas geográficas do espaço.

A visita pedagógica ao Terreiro Pai Maneco constituiu, sem dúvida, a etapa de maior impacto cognitivo e afetivo da pesquisa-ação. A observação direta do espaço sagrado, a recepção acolhedora e as explicações detalhadas sobre a cosmologia, a ética e o respeito à natureza presentes nas religiões de matriz africana foram um choque desmistificador em relação aos discursos preconceituosos frequentemente reproduzidos nas mídias sociais e nos ambientes familiares dos estudantes.

Figura 7 – Visita Pedagógica ao Terreiro do Pai Maneco



Terreiro do Pai Maneco, fundado em 1987, é um dos maiores e mais influentes templos de Umbanda do Brasil, sendo ponto fundamental da Linha Preta de Curitiba. O espaço dedica-se à preservação das tradições de matriz africana, promovendo a caridade e o resgate da ancestralidade negra no contexto urbano da capital. Sua inclusão no roteiro oficial reafirma a importância da **liberdade religiosa** e o papel vital dos terreiros na construção da identidade cultural e espiritual curitibana.

Conforme registrado no diário do Aluno C: "Eu tinha muito medo de entrar em um terreiro porque as pessoas na internet e na minha cidade dizem que é algo ruim. Mas quando cheguei e vi o respeito que eles têm pelas pessoas e pela natureza, percebi que o que me ensinaram era pura mentira e preconceito" (Diário do Aluno C, 2026).

Essa mudança drástica de postura atesta a força da pedagogia da alteridade. As imagens anexadas ao projeto, que registram os altares organizados e o diálogo aberto com as lideranças religiosas, corroboram visualmente a desconstrução das narrativas de ódio. Por meio do contato direto mediado pela escola, os preconceitos e a intolerância religiosa foram neutralizados, e o medo irracional foi convertido em respeito e valorização da diversidade cultural brasileira, em estrita consonância com as diretrizes de direitos humanos e com o cumprimento integral da Lei n.º 11.645/08.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da viagem de estudos "Africanidade: a África está entre nós" confirmou a premissa de que a prática pedagógica fora dos limites convencionais da sala de aula é um instrumento insubstituível para a consolidação de uma educação antirracista e emancipatória. Ao conectar o arcabouço teórico de direitos humanos e sociologia à materialidade histórica do roteiro "Linha Preta" e à vivência cultural no terreiro Pai Maneco, a intervenção proporcionou aos estudantes do 8.º ano uma experiência de letramento racial profunda, duradoura e transformadora.

As exigências metodológicas desta pesquisa-ação foram plenamente atendidas pela riqueza das evidências coletadas. A triangulação entre observação participante, análise crítica de registros fotográficos e narrativas sensíveis e reflexivas colhidas em diários de campo permitiu constatar uma ruptura real com visões eurocêntricas e preconceitos religiosos arraigados. Os estudantes deixaram de ser espectadores passivos e se tornaram investigadores conscientes do espaço urbano e das dinâmicas sociais que perpetuam a desigualdade no Brasil.

Por fim, destaca-se que a relevância das imagens analisadas ao longo do texto está justamente em sua capacidade de validar empiricamente o envolvimento dos alunos e a solidez do processo de desmistificação cultural realizado durante o projeto. Reafirma-se, portanto, a urgência de que as instituições de ensino, sobretudo as situadas em regiões com menor diversidade étnico-racial, como o interior de Santa Catarina, promovam ações semelhantes. O cumprimento da Lei n.º 11.645/08 não deve ser visto como uma imposição burocrática, e sim como um compromisso ético e político fundamental para a desconstrução do racismo estrutural e para a formação de cidadãos comprometidos com os direitos humanos e a justiça social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Lei n.º 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. O racismo e a proposta de diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. *In*: TRINIDAD, A. L.; SANTOS, R. (org.). **Multiculturalismo e educação**: novos desafios para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.

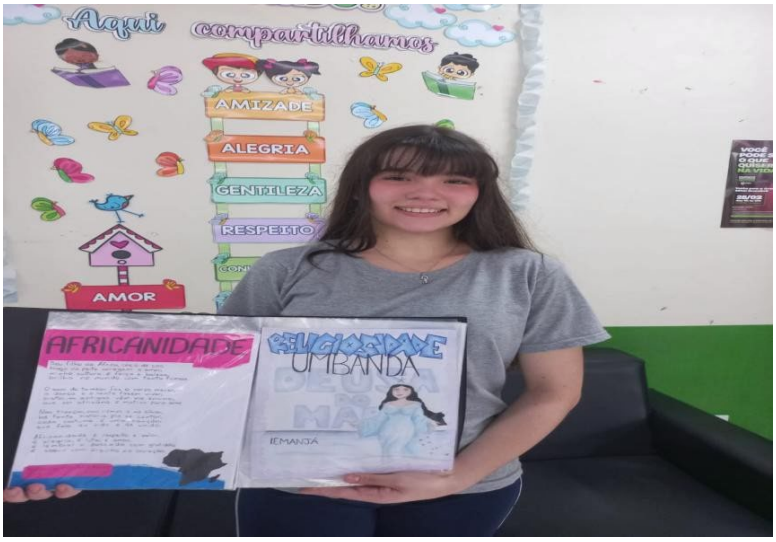
THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TWINE, France Winddance. O letramento racial: um desafio para as cidades brancas. *In:* GUIMARÃES, A. S. A. (org.). **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade dos negros de classe média. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.

ANEXOS

Além dos diários de campo individuais, a culminância do processo pedagógico e reflexivo concretizou-se na construção coletiva e individual de portfólios em sala de aula, nos quais cada atividade desenvolvida ao longo do projeto foi minuciosamente pesquisada, debatida e elaborada a partir de muito estudo e rigor metodológico por parte dos discentes. Entre as produções materiais resultantes, destacou-se o portfólio desenvolvido pela aluna **Natália Heiderscheidt**, cuja dedicação empírica e profundidade analítica evidenciaram uma internalização exemplar dos conceitos discutidos.

Ao documentar criticamente cada etapa do itinerário e das pesquisas correlatas, a produção da referida aluna funcionou como um indicador claro de letramento racial avançado, revelando como a investigação ativa transforma o estudante em um sujeito pesquisador. Essa sistematização em formato de portfólio corrobora as teses de Gomes (2017) sobre a potência dos saberes construídos na ação, provando que o envolvimento intelectual e afetivo dos adolescentes com a temática da africanidade é capaz de gerar registros de alta relevância científica e humana no ambiente escolar.



Para além dos registros dos portfólios feitos em sala de aula, a materialidade e o impacto da imersão cultural podem ser compreendidos por meio dos registros fotográficos capturados durante a aula de campo no roteiro urbano da "Linha Preta", em Curitiba/PR. A sequência de imagens a seguir documenta os principais marcos históricos e os espaços de memória visitados pelos estudantes do 8.º ano. Mais do que meras ilustrações de viagem, cada fotografia representa um ponto de ruptura com a historiografia tradicional e um espaço geográfico de leitura crítica, onde os alunos puderam confrontar as evidências da contribuição, do suor e da resistência da população negra na construção da capital paranaense:

Figura 2 – Fachada histórica da Sociedade Treze de Maio (também conhecida como Casa 13 de Maio) é uma importante instituição histórica em Curitiba.



Fundação e Propósito: A sociedade foi fundada em 6 de junho de 1888, pouco tempo após a assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888. Seus fundadores eram, principalmente, ex-escravizados e líderes do movimento abolicionista na cidade. O nome da sociedade homenageia a data da abolição da escravidão no Brasil.

Significado: A instituição é um marco da história negra e da resistência em Curitiba.

Desafios Recentes: Recentemente, a sede histórica da sociedade enfrentou dificuldades financeiras e a ameaça de leilão devido a dívidas, mas conseguiu um acordo para evitar a perda do patrimônio.

Figura 3 – Ruínas de São Francisco no Centro Histórico



Ruínas de São Francisco, localizadas no Centro Histórico de Curitiba, são os remanescentes de alvenaria de pedra da inacabada Igreja de São Francisco de Paula, datada do século XIX. Integrante do roteiro da Linha Preta, o local abriga hoje um anfiteatro ao ar livre e o Memorial de Curitiba, servindo como um vibrante espaço cultural e palco de eventos. É um ponto de parada essencial para quem deseja explorar as raízes coloniais e a arquitetura histórica da capital paranaense.

Figura 4 – Memorial de Curitiba e o Primeiro Altar da Igreja Católica trazido de Portugal ao Brasil



Memorial de Curitiba, principal centro cultural do Setor Histórico e ponto central da **Linha Preta**, é um espaço multifuncional de arquitetura pós-moderna inspirado no formato de uma araucária. Inaugurado em 1996, o local preserva a memória da cidade através de exposições de arte, esculturas de artistas renomados e altares do século XVIII. Além de sua relevância histórica, o centro é um palco dinâmico para apresentações cênicas, concertos e eventos que celebram a diversidade étnica e cultural da capital paranaense



O Memorial de Curitiba, principal centro cultural do Setor Histórico e ponto central da Linha Preta, configura-se como um espaço multifuncional de arquitetura pós-moderna inspirado nas copas e formas geométricas da araucária, árvore-símbolo da paisagem paranaense. Inaugurado em 1996, o local preserva a complexa memória da cidade e abriga uma das maiores relíquias sacras do país: o primeiro altar católico trazido de Portugal para o Brasil.

Esculpida em madeira no século XVIII, essa imponente peça barroca cruzou o Oceano Atlântico nos porões de uma caravela portuguesa, aportando em terras brasileiras como o símbolo material e espiritual do início da colonização e da catequização europeia. A observação direta desse altar proporcionou aos estudantes do 8.º ano um denso debate sobre o choque cultural do período

colonial. Ao confrontarem um objeto histórico que testemunhou as primeiras missas e a imposição da fé ocidental, os alunos puderam refletir criticamente sobre como as caravelas trouxeram não apenas artefatos religiosos, mas também os discursos que justificaram a dominação e o apagamento das identidades nativas e africanas. Assim, o espaço atua como um palco dinâmico e dialético, ideal para celebrar a diversidade étnica, ao mesmo tempo que se questionam as raízes históricas das desigualdades nacionais.

Figura 6 – Bebedouro do Largo da Ordem no Setor Histórico



Bebedouro do Largo da Ordem, inaugurado em sua primeira versão em **1855**, é um marco histórico que servia para saciar a sede de animais de tropeiros e colonos que frequentavam o centro. Ponto integrante, o monumento destaca o papel dos trabalhadores negros e imigrantes na logística e no comércio da Curitiba antiga. Sua estrutura atual, revestida em pedra de diabásio com bacia de ferro, é fruto de uma reforma dos anos 1930 e permanece como um dos símbolos mais fotografados do Setor Histórico.



"Pela virtude e pela busca da sabedoria, o homem compreende que não há distinção na substância que nos une; somos todos expressões de uma mesma natureza, onde a verdadeira liberdade reside em reconhecer no outro um igual."

Baruch Spinoza